

O Rio abraça o transplante.

Publicado no O Globo - Sociedade - em 15/05/2018

O Rio abraça o transplante.

Alfredo Guarischi, médico.

Adoro ser médico no meu Rio de Janeiro. Apesar dos muitos problemas, temos uma gente dedicada a dar do seu melhor para a medicina. Estamos carecas de saber que nosso sistema de saúde foi quase destruído pela corrupção de jaleco e ternos de todas as cores e plumagens, e mesmo assim estamos voltando à vanguarda da boa medicina que sempre soubemos fazer. Parodiando a música de Chico Buarque, podemos cantar que “... você que inventou o pecado ... eu pergunto a você, onde vai se esconder ... apesar de você, amanhã há de ser, outro dia...”.

Nesse domingo das mães, o dia raiou e abriu as asas sobre nós, e na Cidade Maravilhosa foram realizados três transplantes hepáticos. A jornada hospitalar começou bem cedo, pela manhã, bem próximo da Floresta da Tijuca, a maior floresta urbana do mundo. À tarde a equipe subiu, pelo outro lado da mesma floresta, até o pé da estátua de Cristo, nosso Redentor, e fez o segundo transplante. À noite nada mais vibrante do que Copacabana, nossa princesinha do mar, para terminar essa fantástica jornada de devolver a vida à mais um paciente quase sem ela, colocando um órgão novo e enchendo de esperança mais uma família.

Todos esses transplantes têm múltiplos personagens e histórias, mas o em Copacabana teve emoção especial. Parte da equipe havia saído bem cedo do Rio para captar um órgão saudável doado graças ao gesto de amor de filhos e netos de sua amada mãezinha e vizinha de 84 anos. Após 3 horas de voo, os dois jovens cirurgiões chegaram ao Sul deste imenso país e trouxeram, envolto em gelo, numa reservatório especial, a última esperança de vida para um paciente. Não foi um decisão médica simples, pois a doação de órgãos em pacientes idosos é rara, além de haver pouca experiência mundial nessa situação, mas, para quem estava morrendo de uma forma agressiva de hepatite e já havia sido transplantado há dez anos, aceitar o fígado idoso foi uma decisão inquestionável.

A noite foi uma criança e, ao fim de quatro horas de intenso trabalho de uma grande equipe, o idoso fígado já estava totalmente rosado, com seus vasos e canais ligados ao seu novo e jovial corpo, que poderá voltar a uma vida normal.

Com mais de 2.000 transplantes hepáticos por ano, o Brasil continua sendo o segundo país do mundo nessa técnica, só ficando atrás dos EUA. O Rio de Janeiro está no terceiro lugar no Brasil e entre os 10 maiores centros de transplantes hepático do mundo, com mais de 240 procedimentos em 2017. Esse programa vitorioso é quase todo financiado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que o governo insiste em inviabilizar, cortando recursos financeiros e humanos, em total afronta à Constituição.

Mas a jornada vai continuar, e, agora, pela janela do centro cirúrgico, ao ver o sol nascer, tenho mais vontade de ficar por aqui.